

À procura de novos padrões

por Célia Roseblum
de São Paulo

"Estamos pouco acostumados a uma situação de crise aberta, temos dificuldades de lidar com o conflito permanente. Vivemos uma crise onde se busca encontrar novos interlocutores, novos padrões de enfrentamento e definição dos papéis dos partidos políticos e do Estado." Estes dados compõem o painel da sociedade brasileira que vive um momento de transição, espécie de aprendizado sobre a convivência democrática, segundo analisa o professor de sociologia da Universidade de São Paulo (USP), Sérgio Miceli, diretor presidente do Instituto de Estudos Sociais, Econômicos e Políticos de São Paulo (Ibesp).

"Houve uma mudança para todos os agentes, com a vocalização mais explícita dos problemas", analisa. Entraram em cena vários segmentos da sociedade, substituindo uma estrutura autoritária em que os padrões de relacionamento e interferência eram restritos e as poucas partes atuantes tinham a noção exata de seus espaços.

Alguns fatores, nota Miceli, tumultuam este aprendizado. O Brasil possui um sistema de representação política que não reflete fielmente a real correlação de forças da sociedade: "O esquema de representação política tem furos gritantes. Os estados mais importantes demo-

gráfica, econômica e culturalmente estão sub-representados", afirma.

"Estamos num país onde os governadores são tão ou mais importantes que os

partidos", nota o sociólogo. Um sistema que ele define como "um pouco imperial, como uma herança das províncias". Existe uma hierarquia clara em os ca-

cifes dos políticos estaduais sobrepõem-se aos das administrações regionais. "No regime autoritário este dado aparecia muito menos", analisa Miceli.